



MISCELÂNEA

Revista de Pós-Graduação em Letras

UNESP – Campus de Assis

ISSN: 1984-2899

www.assis.unesp.br/miscelanea

Miscelânea, Assis, vol.6, jun./nov.2009



NAÇÃO: DESCONSTRUÇÃO E CRIAÇÃO.

UMA ANÁLISE DAS OBRAS *OS DETETIVES SELVAGENS*, DE BOLAÑO, E *MAYOMBE*, DE PEPETELA

Lucinéia Alves dos Santos
(Mestranda — UNICAMP)

RESUMO

Este artigo trata das diferentes visões existentes nas obras *Os detetives selvagens* de Bolaño e *Mayombe* de Pepetela. Ambos os romances foram escritos por exilados, porém em situações, lugares e tempo distintos. Entre as décadas de 60 e 70, alguns países africanos estavam lutando pela sua independência, como Angola. Neste mesmo período muitos países latino-americanos estavam no apogeu da ditadura, como o Chile, que em 1973 teve seu Poder Popular traído e aniquilado pelo ditador Pinochet. As obras de Bolaño e Pepetela estão fundamentadas nestes acontecimentos. Em Bolaño, isto é representado em suas várias personagens estrangeiras, fora ou dentro de seu próprio país. Em Pepetela a abordagem está na narração da guerrilha para a libertação de Angola.

PALAVRAS-CHAVE

Roberto Bolaño; Pepetela; Literatura Latino-Americana; Literatura Africana; Ditadura.

RIASSUNTO

Questo articolo tratta delle diverse visioni che esistono nelle opere *I Detective Selvaggi* di Bolaño e *Mayombe* di Pepetela. Tutti i due romanzi sono stati scritti dai fuorusciti, però in situazioni, posti e tempi diversi. Fra le decadi di 60 e 70, alcuni paesi africani lottavano per loro indipendenza, come Angola. In questo periodo molti paesi latino-americaeni erano nell'apogeo della dittatura, come il Cile, che nel 1973 ha avuto il suo Potere Popolare tradito e annichilato dal dittatore Pinochet. Le opere di Bolaño e Pepetela sono fondate in questi avvenimenti. Bolaño ne rappresenta nelle sue personaggi straniere, fuori o nel suo proprio paese. Mentre Pepetela presenta sua narrazione di guerriglia per la liberazione di Angola.

PAROLE-CHIAVI

Roberto Bolaño; Pepetela; Letteratura Latino-Americana; Letteratura Africana; Dittatura.

Introdução

As obras literárias *Os detetives selvagens* e *Mayombe* são polifônicas, foram escritas por exilados, porém em situações, lugares e tempo distintos. Enquanto Bolaño escreve sua obra na Espanha, Pepetela escreve seu romance em plena luta armada no seio da selva. Todavia apresentaremos outros aspectos determinantes da estrutura de ambas as narrativas, a começar com a apresentação de seus criadores.

Bolaño nasceu em Santiago do Chile em 1953, saiu de seu país com a família em 1968, retornando em 1973, por solidariedade ao então governo ameaçado de Salvador Allende. Foi detido durante o golpe militar de Augusto Pinochet no mesmo ano e salvo por um amigo de infância, policial que o reconheceu em um campo de concentração, iniciando uma vida de eterno exílio. Nunca mais voltou a residir em seu país e faleceu na Espanha em 2003.

Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos — Pepetela — nasceu em Benguela, Angola em 1941. Em 1963 tornou-se militante do MPLA (Movimento Popular para a Libertação de Angola). Foi exilado por alguns anos na França e Argélia, ao retornar a Angola participou ativamente da guerra anticolonialista que culminou na independência do país em 11 de novembro de 1975.

Tanto na obra de Bolaño como na de Pepetela, estão presentes importantes fatos ocorridos na história da América Latina e de Angola respectivamente. Situações estas que tanto o escritor chileno como o angolano participaram ativamente. Bolaño lutou contra a ditadura militar chilena e Pepetela contra o colonialismo de Portugal.

Como Angola, entre as décadas de 60 e 70, vários países africanos lutavam pela sua independência. No mesmo período, muitos países latino-americanos passavam pela ditadura, como o Chile, que em 1973 teve sua democracia traída e aniquilada pelo ditador Pinochet.

Este momento histórico está presente no tempo das duas narrativas. Em *Os detetives selvagens* o primeiro capítulo é ambientado no México da década de 70, com o diário do jovem poeta Juan García Madero. O tempo de

Mayombe também é a década de 70, auge da guerra anticolonialista em Angola. A informação confirma-se com o epílogo do romance que data do ano de 1971: “Tal é o destino de Ogum, o Prometeu africano. DOLISIE, 1971” (PEPETELA, 1982, p. 268).

As influências históricas em Bolaño são representadas através de suas personagens estrangeiras, fora ou dentro de seu próprio país, pois a ditadura produzira milhares de exilados. Em Pepetela a abordagem está na narração da guerrilha para a libertação de Angola, com a obstinação do comandante *Sem Medo* e sua corporação composta por soldados pertencentes a várias etnias.

Os detetives selvagens

O romance *Os detetives selvagens*, embora classificado em sua ficha catalográfica como literatura mexicana, traz dados de outros lugares e de várias nacionalidades. Assim, o ideal seria nomeá-lo como literatura latino-americana, dada sua abrangência histórico territorial.

Em seu artigo *Bolaño, y la generación perdida da America Latina*, o crítico literário Rodrigo Pinto diz:

De ahí su ausencia de localismo, especialmente en obras como *Los detetives salvajens*, donde asume las formas que el castellano adopta en Chile, en México, en Uruguay, en Peru, en Argentina, en Colombia [...] Y no solo eso: tanto aquella obra como en *Amuleto* y en varios de sus cuentos, Bolaño va dando forma a una epica de la derrota, del fracaso, del desarraigo, que toca por igual a todos los latinoamericanos [...] (PINTO, 2006).

Como o próprio crítico Rodrigo Pinto expõe, existe uma ausência de lugar, o desapego e o fracasso não são apenas sentimentos dos mexicanos, pois todos os latino-americanos sofrem do mesmo mal. Esta ausência de lugar nos remete à figura do estrangeiro. Tal condição é reconhecida nos protagonistas Arturo Belano e Ulises Lima. Belano é chileno e reside no México. Diz ter visitado a maioria dos países latino-americanos da Costa do Pacífico. Há passagens do romance em que o poeta está na Espanha, vai para Itália e viaja

para alguns países da África. Como registra em seu diário a personagem argentina Jacobo Urenda, sobre Belano: “quando voltei a Paris, ele ficou em Luanda. Tinha pensado em ir para o interior, onde ainda pululavam fora de controle os bandos armados. Antes de partir tivemos uma última conversa...” (BOLAÑO, 2006, p. 541).

Enquanto esteve na Europa e África, Belano algumas vezes trabalhou em subempregos, como vigia de um camping em uma cidadezinha costeira na Espanha. Na África trabalhou como freelancer de um jornal madrileno que lhe pagava uma miséria por artigo. Enquanto residiu no México, além de poeta também era traficante junto com Ulises Lima. A personagem Alfonso Pérez Camargo escreve em seu relato: “Belano e Lima não eram revolucionários [...] Eram vendedores de droga. Basicamente marijuana, mas também ofereciam um estoque de cogumelos em potes de vidro [...]” (BOLAÑO, 2006, p. 337).

Ulisses Lima é um poeta mexicano e amigo de Belano. Enquanto vive em seu país, mora em um “habitação minúsculo”, com três metros de comprimento por dois de largura, há muitos livros, um colchão e uma escrivaninha com máquina de escrever. Resolve ir para a Europa junto com Belano, visita a França, Espanha, Áustria. De lá vai até Israel. Em cada país passa por uma experiência, na Espanha trabalha em um pesqueiro para juntar dinheiro e ir até Tel-Aviv. Em Tel-Aviv chega a mendigar e a dormir em uma estação ferroviária. Em Viena comete assaltos junto com o austríaco Heimito Kunst, que conheceu em Israel.

Além dos protagonistas há dezenas de personagens que vivem na condição de exilados, como Hipólito Gacés e Roberto Rosas, peruanos que residem em Paris. Roberto em seu relato cita outros estrangeiros que habitam na mesma mansarda. São seus compatriotas, chilenos e argentinos. A mansarda recebe o codinome de *Comuna de Passy* ou *Pueblo Joven Passy* pela concentração de latinos ali.

Entre tantos estrangeiros que circulam na obra de Bolaño, não podemos deixar de falar sobre a enigmática Auxílio Lacouture. Poetisa uruguaia, autodenomina-se “mãe da poesia mexicana”. Chegou ao México em

1962, ou 1965, talvez em 1967. Não possui moradia e nem emprego fixos. Vive de pequenos favores. É uma estrangeira errante no território mexicano. Sua vida é um eterno talvez, um constante exílio. É amiga dos jovens poetas real-visceralistas. Presenciou um triste fato da história do México. A invasão do exército na Faculdade de Filosofia e Letras da UNAM. Este acontecimento acarretou a morte de centenas de jovens. Auxílio heroicamente permaneceu escondida em um banheiro feminino da instituição por muitos dias alimentando-se de resistência, pensamentos, sonhos e poemas, além de pequenos pedaços de papel higiênico. Saiu do recinto quando teve certeza da ausência do exército. Tornou-se uma lenda viva.

Há outra modalidade de estrangeiro na obra de Bolaño: o estrangeiro em seu próprio país, representado por personagens marginalizadas: poetas não reconhecidos, garçonetes, homossexuais, prostitutas, como as personagens Pele Divina, poeta bissexual que vive em uma situação precária; Ernesto San Epifanio também poeta e homossexual, que morre na mais completa solidão; Rosário e Brígida, garçonetes que vivem em cortiços; Joaquim Font, interno em uma clínica psiquiátrica; Lupe, prostituta e tantos outros.

Lupe perdeu seu filho de poucos meses. A criança nascera doente, assim, Lupe fez promessa à Virgem, se o filho se curasse deixaria a vida de prostituta, o filho ficou bom, mas Lupe não pôde cumprir a promessa, precisou de dinheiro. O filho faleceu pouco depois de seu retorno às ruas, o fato a levou a crer ser responsável pela morte da criança.

Além desta desventura, Lupe torna-se exilada em seu próprio país, quando seu aliciador a persegue, obstinado a capturá-la como se fosse um bem material. Assim, Lupe foge com seus amigos poetas para os Desertos de Sonora.

Nestes exemplos encontramos um aspecto fundamental da obra de Bolaño, o exílio permanente, característica apontada pelo crítico literário Ignacio Echevarría que classifica o autor chileno como um *extraterritorial*:

Por la obra del escritor transitan — errantes, fantasmales- los naufragos de un continente en el que exilio es la figura epica de

la desolación y de la vastedad. Laberinto de la identidad Latinoamérica es para Bolaño una metáfora del abismo, un territorio en fuga (PINTO, 2006).

Este “territorio en fuga” nos remete à falta de sonho, à não nação, a uma distopia. Isto se acentuará no último capítulo do romance, *Os desertos de Sonora*, narrado pelo jovem poeta Juan García Madero. Conta a fuga da prostituta Lupe e seus amigos poetas. Porém o foco principal é a busca pela poetisa Cesárea Tinajero. Existe a esperança enquanto procura-se a poetisa, embora haja poucos indícios de sua existência: um único número da revista *Caborca* e lembranças do escritor Amadeo Salvatierra que a conheceu. Com poucas provas e persistência, nossos Don Quixote e Sancho Pança atravessam o país à procura de Cesárea, a Dulcinéia encantada que desencanta no momento em que é encontrada pelos poetas. Já não é mais a poetisa dos anos 20. Parece que a literatura perdeu o espaço que outrora preenchia sua vida. Cesárea agora é uma lavadeira.

A situação torna-se ainda pior, pois Cesárea Tinajero é morta em um tiroteio provocado por Alberto e seu comparsa, que perseguem os amigos poetas e Lupe. Assim se foram o mito e o resgate do passado. Esta idéia é bem desenvolvida no artigo de Brodsky, *Perdidos em Bolaño*:

[...] la pertenencia es sempre oblicua y distante [...] por donde Bolaño navega como por un territorio esolado por la historia, el tiempo, la locura y la literatura, todas palabras primero mágicas y luego trágicas, y que em sus libros comienzan como comedia y terminan en película de terror, marcha triunfal o ejercicio de sus personajes (MANZONI, 2002, p. 84).

Segundo o estudioso Grínor Rojo, em seu artigo *Sobre los detectives salvajes*, a data da morte de Cesárea possui uma ligação com a história do Chile. O personagem Belano viaja ao Chile em setembro de 1973, quando algo morre no Chile, o mesmo ocorre quando a personagem está nos Desertos de Sonora, algo morre em 1976 (Cf. ESPINOSA H, 2003, p. 74). No caso do Chile, como veremos adiante, morrem Allende e o ideal de democracia. O Chile

tornar-se órfão dos ideais populares, da arte, da cultura. Qualquer manifestação é vigiada e burlada nos países que passam por essa experiência.

Um brevíssimo panorama histórico do Chile

Em 1920 houve a eleição presidencial que mudaria todo o cenário do Chile. Disputavam o poder o candidato anti-clerical e anti-oligárquico, Arturo Alessandri e o representante da oligarquia e do clero, Luís Barros Borgoño. Com a expressiva votação popular, e não só o pleito reservado, elegeu-se Alessandri. O evento ficou conhecido como "mito del año 20". A partir daí, o Chile inicia um desenvolvimento político social.

Esses acontecimentos acarretaram a formação da Frente Popular, que assume o governo em 1938, encabeçada por Pedro Aguirre Cerda. Consolida-se no Chile a liberdade política, integração social e desenvolvimento econômico, sob a forte manipulação dos mecanismos estatais:

O êxito político da Frente Popular no Chile assume, de fato, uma significação histórica universal. O Chile foi, ao lado da França e da Espanha, o único país latino-americano a conhecer a vitória eleitoral e o estabelecimento de um governo baseado na política de Frente Popular adotada pelo Movimento Comunista Internacional (MCI) (AGGIO, 1999, p. 17).

Este período tornou-se referencial para uma série de lutas que o Chile vivenciaria em sua evolução histórica, consolidando o desenvolvimento do movimento popular chileno, que refletiria nos anos posteriores como na década de 70.

No dia 4 de setembro de 1970, a população comemorava a vitória de Salvador Allende, finalmente presidente do Chile. O evento foi festejado em Santiago do Chile sem nenhuma desordem. Carlos Altamirano escreve em sua obra *Dialética de uma derrota*, o comportamento dos chilenos naquele momento:

Estávamos diante de dois estilos de vida e duas concepções diferentes sobre a sociedade e o homem. Uma a do povo: alegre, generosa, aberta à esperança de uma vida superior;

outra, a de seus adversários: feroz, desumanizada e implacavelmente decidida a defender seus privilégios (ALTAMIRANO, 1979, p. 7).

Em 1972 a oligarquia determinou a paralisação do país. Os trabalhadores responderam com o enfrentamento à greve patronal. Ocuparam fazendas abandonadas e indústrias; mantiveram o abastecimento e a economia do país. Porém o grupo conspirador que não estava contente com a situação planejava estratégias dentro das Forças Armadas desde abril de 1972.

Em 11 de setembro de 1973, o Palácio La Moneda é atacado e Salvador Allende é assassinado pela oposição.

Com esse brutal ataque ao palácio histórico e o assassinato premeditado do primeiro mandatário, o país sofreu uma ruptura cultural e social, abrindo-se entre os chilenos uma ferida de ódio que marca as gerações atuais e compromete as futuras (ALTAMIRANO, 1979, p. 175).

Allende cai, e com ele morre todo um projeto popular que vinha sendo construído por muitas décadas. Pinochet administrará o país com mãos de ferro. O Chile viverá um período sombrio. Estes eventos estão presentes na obra de Bolaño, o escritor exilado junto com suas personagens.

Mayombe

O espaço é o Mayombe, floresta tropical localizada em Cabinda, Angola. Ambiente de ecossistema rico e de difícil acesso, abriga os personagens com nomes de guerra excêntricos: *Teoria, Verdade, Lutamos, Sem Medo, Mundo Novo, Ingratidão* e outros. Cada um sugere seu papel dentro do romance:

Lutamos está nervoso, inquieto, notou Sem Medo. O Teoria está a sofrer, mas finge que não. O Ekuikui... esse é sempre o mesmo. Ingratidão está desconfiando do Lutamos. Mundo Novo deve estar a pensar na Europa e nos seus marxistas-leninistas. Os pensamentos do comandante não iam mais longe. Eram fotografias que tirava dos elementos do grupo e que classificava num ficheiro mental, sem mais se preocupar. Quando necessário, servia-se dessas informações para ter uma imagem fiel de cada guerrilheiro e saber que tarefa dar a cada um (PEPETELA, 1982, p. 21).

Lutamos é um corajoso combatente, com suas ações, salva o grupo do exército colonialista. *Teoria* é professor e instrutor político da Base, vive em um impasse — é mestiço — diz ser o talvez, o sim e o não. *Mundo Novo* é um intelectual que viveu e estudou na Europa. *Ingratidão* é um combatente desconfiado, coloca em xeque as várias etnias do grupo. Para finalizar, temos *Sem Medo* que é comandante dos guerrilheiros, sempre com boas estratégias.

O tribalismo é um fator presente e muito importante no texto. Os soldados são divididos em kimbundos, kikongos, fiotes, cabindas, lundas... A mistura das várias etnias muitas vezes resulta em rivalidades e desconfianças, como podemos certificar lendo uma passagem, onde *Ingratidão* furtou um civil que estava em poder da guerrilha. A personagem *Milagre relata*:

Viram como o comandante se preocupou tanto com os cem escudos desse traidor de Cabinda? Não perguntam por quê, não se admiram? Pois eu vou explicar-vos.

O comandante é kikongo; embora tenha ido pequeno para Luanda [...]. Ora, o fiote e o kikongo são parentes, são no fundo o mesmo povo. [...] por isso ele protege Lumumba [...] E viram a raiva com que ele agarrou Ingratidão? Por quê? Ingratidão é kibundo, está tudo explicado (PEPETELA, 1982, p. 47).

Apesar da rivalidade causada pelo tribalismo, existem a perseverança, a resistência e a amizade entre o grupo. A perseverança e a resistência aparecem na disposição dos guerrilheiros em sacrificar-se pela guerra:

— Vamos voltar para trás e fazer uma emboscada na estrada. Os trabalhadores vão dizer que voltamos para o Congo e os tugas (portugueses) não esperarão encontrar-nos na estrada. Mas é preciso tomarmos um bom avanço. Claro que não temos comida suficiente para estes dias a mais que passaremos longe da Base. Teremos de fazer sacrifício. Mas, se a operação for bem sucedida, o Comando pensa que vale a pena passar uns dois dias sem comer [...] Os guerrilheiros, sem exceção, aprovaram entusiasticamente. Há muito não tinham encontro com exército colonial (PEPETELA, 1982, p. 38).

Além desses aspectos, há a necessidade de politizar a população, sobretudo a que habita em Cabinda, onde lutam os guerrilheiros. Nem todos têm consciência de que os soldados estão lutando pela independência de

Angola. Muitos acreditam que são rebeldes e ladrões, pois os colonialistas pregam isso. Desta forma, esses heróis, além de lutarem tentam instruir a população sobre o papel desta luta. Não só a população é instruída, como os próprios soldados do MPLA (Movimento Popular para a Libertação de Angola) para que se conscientizem sobre a política de restauração de uma Angola não colonizada.

Diante destes argumentos é evidente que esta narrativa polifônica pontua o racismo e o tribalismo. Há a interrogação do papel de cada um no conflito, e a preocupação em torno das contradições da guerrilha. Ao mesmo tempo, Pepetela nos apresenta uma unidade através da politização e do sacrifício do grupo de combatentes na selva do Mayombe. Como registra-se no diálogo entre a personagem *Comissário*, o comandante *Sem Medo* e o *Das Operações*:

[...] A guerra popular não se mede em número de inimigos mortos. Ela mede-se pelo apoio popular que se tem.

— Esse apoio só se consegue com as armas — disse o Das Operações.

— Não só. Com as duas coisas. Com as armas e com a politização (PEPETELA, 1982, p. 23).

Um brevíssimo panorama histórico de Angola

Desde os primórdios Angola apresentou resistência a Portugal, a começar pela lendária rainha Nzinga que realizou alianças com os holandeses para tentar derrotar os portugueses no século XVII. Mas foi no século XX que iniciou-se a luta armada para a libertação de Angola.

Em 4 de fevereiro de 1961, grupos nacionalistas armados atacaram prisões de Luanda para libertar companheiros presos. Assim começou a guerra contra o jugo português. A guerra anticolonialista durou catorze anos, durante este período Angola foi devastada em todos os sentidos e intensificou-se a exploração de minérios. Além disso, o território sofreu um fenômeno chamado vietnamização, graças às relações mantidas entre Portugal e os Estados Unidos. Esse processo consistiu em formar aldeias estratégicas, tal como fizeram os

estadunidenses no Vietnã, uma forma de controlar militarmente a população. Na década de 70 aproximadamente um milhão de angolanos foram deslocados de suas residências para estas aldeias.

Durante a guerra anticolonialista os intelectuais e escritores foram exilados, perseguidos, presos, mas a maioria fez de suas idéias, narrativas e poesias uma forma de ataque e resistência contra a brutalidade colonialista. Esses artistas como Pepetela, participaram ativamente na luta armada. Muitas vezes embreando-se no Mayombe. Angola tornar-se independente dia 11 de novembro de 1975, o saldo desta vitória foi de 20 mil mortos, sem contar os prejuízos póstumos.

Conclusão

A obra *Utopia* de Thomas More é dividida em duas partes: o primeiro livro apresenta a Inglaterra saindo do período feudal e entrando na era industrial. Com vários problemas econômicos e sociais gerados nesta transição. Apresenta a mazela da população que foi expulsa do campo pela prosperidade da produção de lã e obrigada a amontoar-se nas cidades. Já o segundo livro trata de uma sociedade organizada, onde todos possuem direitos e deveres; alimentam-se, vestem-se com simplicidade, trabalham, estudam. Uma sociedade ideal: a Ilha de Utopia.

É nesta base utópica que podemos classificar a obra de Pepetela. *Mayombe* aborda a luta por este lugar ideal, onde todas as tribos e etnias possam viver em harmonia, sem o jugo português. Para tanto é preciso a participação da população e sua politização, como explica o Comissário para o Chefe de Operações:

— [...] Temos de mostrar primeiro que não somos bandidos, que não matamos o povo. [...] Se apanharmos os trabalhadores, os tratarmos bem, discutirmos com eles e, mais tarde, dermos uma boa porrada no tuga, então sim, o povo começa a acreditar e aceitar. Mas é um trabalho longo. [...] (PEPETELA, 1982, p. 23-4).

Além da politização dos angolanos, existe a politização dos guerrilheiros, que recebem instrução na Base. O grupo, como já pontuamos nos itens anteriores, passa por sacrifícios, como a fome, conflitos internos devido às várias etnias que compõem o corpo armado, conflitos pessoais, como o de Teoria que é mestiço e sente-se atingido pelo racismo.

A tarefa da obra de Pepetela é a de construir uma nação, tentar juntar diferentes tribos e línguas para a construção de Angola, fato presente em uma entrevista feita por Michel Labon com o escritor. Pepetela diz:

Eu gosto é exatamente, de fazer ficção e sobre essa ficção refletir sobre certos problemas que se põem-fundamentalmente- esse da nação, em todos os países isso acontece, sempre houve escritores — não só escritores, outro tipo de intelectuais, artistas, etc. — que refletiram sobre esse problema da formação da Nação e as suas obras desenvolvem-se com esse fundo, essa base (OLIVEIRA, 2001, p. 7).

Essa tarefa é mais desenvolvida já no final do romance, quando é apresentada a unidade do grupo através do sacrifício. *Lutamos* e *Sem Medo* morrem em combate e “o chefe de Operações disse: — Lutamos que era cabinda, morreu para salvar um kimbundo. Sem Medo, que era kikongo, morreu para salvar um kimbundo. É uma grande lição para nós, camaradas” (PEPETELA, 1983, p. 267).

Em contrapartida temos Bolaño que vem de outra conjuntura histórica mundial. Fez parte dos nascidos na década de 50, portanto vivenciou o período da ditadura militar na América Latina. Viu seu sonho de revolução morrer junto com Allende. Isto é representado em *Os detetives selvagens* em um relato de Auxílio Lacouture, onde a personagem Belano retorna ao Chile em 1973 para fazer revolução e presencia a queda de Allende. De volta ao México não é mais o mesmo, troca de amigos e ri dos antigos, começa a beber, a fumar marijuana. Lacouture o compara com Virgílio de Dante voltando do inferno.

A literatura de Bolaño não procura aperfeiçoar questões sociológicas, pelo contrário, mostra o indivíduo não inserido na construção de seu país, sobretudo o latino-americano. Esse latino-americano, como já mencionamos anteriormente, é estrangeiro fora e dentro de seu próprio país. Bolaño

apresenta muito esta idéia na figura do artista anônimo, como poderemos conferir no relato de Simone Darrieux:

Tinha uns amigos peruanos que às vezes lhe arranjavam trabalho, grupo de poetas peruanos que de poetas certamente só tinham o nome, viver em Paris é bem sabido, desgasta, dilui todas as vocações que não sejam de ferro, acanalha, impele ao esquecimento. Pelo menos é o que costuma acontecer com muitos latino-americanos que conheço (Bolaño, 2006, p.240).

A francesa fala sobre Ulises Lima e estende seu ponto de vista aos latino-americanos em geral, explicando que o verdadeiro motivo da perda de vocações é o trabalho braçal executado pelos latinos na Europa.

Podemos pensar *Os detetives selvagens* como um romance distópico, pois não há idéia de união ou formação de uma nação. Este livro apresenta o indivíduo, sobretudo o exilado — legado da ditadura militar.

Pepetela e Bolaño foram influenciados por situações de conflitos. Bolaño pela ditadura militar e Pepetela pela guerra anticolonialista. Suas experiências foram registradas em suas obras, tornando *Mayombe* um romance utópico, pela ideologia que apresenta, e *Os detetives selvagens* distópico pelas experiências negativas da ditadura.

Referências bibliográficas

ADRIANI, Murilo. *L'Utopia*. Roma: Studium, 1961

AGGIO, Alberto. *Frente Popular, radicalismo e revolução passiva no Chile*. São Paulo: Annablume: FAPESP, 1999.

ALTAMIRANO, Carlos. *Dialética de uma derrota. Chile 1970-1973*. trad. João S. Trevisan e Emanuel C. O. de Freitas. São Paulo: Brasiliense, 1979.

ARMANDO, Maria Luiza de Carvalho. *As Literaturas Africanas em Língua Portuguesa*. Cadernos Luso-Africanos, 1. Ijuí: Livraria UNIJUÍ Editora, sd.

BOLAÑO, ROBERTO. *Os detetives selvagens*. trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

ENDERS, Armelle. *História da África Lusófona*. trad. Mário Matos e Lemos. Mem Martins: Editorial Inquérito, 1994.

ESPINOSA H., Patricia (org.). *Territorios en fuga: estudios críticos sobre la obra de Roberto Bolaño*. Santiago: Frasis, 2003.

FERREIRA, Manuel. *Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa*. São Paulo: Ática, 1987.

GENETTE, Gérard. *Discurso da Narrativa*. Lisboa: Veja, sd.

HARDMAN, Francisco Foot. *O detetive Selvagem*. *O Estado de S. Paulo, Caderno 2, Cultura*. 29/07/2007.

MANZONI, Celina (org.). *Roberto Bolaño: la escritura como tauromaquia*. Buenos Aires: Corregidor, 2002.

MORE, Thomas. *Utopia*. trad. Ciro Mioranza. São Paulo. sd.

OLIVEIRA, Isaura de, *Pepetela e o Nacionalismo angolano: do sonho à desconstrução da Utopia*. IV Congresso Internacional da Associação Portuguesa de Literatura Comparada. 2001. Universidade de Évora. Vol. I

PEPETELA. *Mayombe*. São Paulo: Ática, 1982.

PINTO, Rodrigo. *Bolaño y la generación perdida de America Latina*. Disponível em: <http://proyectoespataco.wordpress.com/2006/12/27/bolano-y-la-generacion-perdida-de-america-latina/>. Acesso em 05 de setembro 2008.

RESENDE, Beatriz. (org.) *A literatura latino-americana do século XXI*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2005.

SOLDÁN, Edmundo Paz & PATRIAU, Gustavo Faverón (orgs.). *Bolaño salvaje*. Canet de Mar (Barcelona): Candaya, 2008.

Artigo recebido em 01/03/2009 e publicado em 30/09/2009.